



Bloco Discípulos de Oswaldo Carnaval 2015

Enredo: **“Pavilhão Mourisco, monumento da ciência a serviço da saúde”.**

Sinopse: O enredo sugere retratar a construção do Castelo de Oswaldo Cruz incorporando o contexto histórico da cidade do Rio de Janeiro e o desenvolvimento da ciência e da saúde no Brasil.

Saúde e doença na cidade do Rio de Janeiro (contexto histórico)

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade do Rio de Janeiro convivia com a herança colonial monárquica e os ideais de modernidade empunhados pelos republicanos. A capital do Brasil crescia desordenadamente devido à onda de imigração europeia e à migração de escravos recém-libertos das fazendas.

Sem planejamento, as favelas e cortiços predominavam na paisagem. A rede de esgoto e coleta de lixo era muito precária, as vezes inexistente. Em decorrência disto, doenças como tifo, febre amarela, peste bubônica e varíola se proliferavam na “cidade da morte”.

Em resposta, a República do presidente Rodrigues Alves dá início a construção da “cidade maravilhosa”, o prefeito e engenheiro Pereira Passos promove grandes obras urbanísticas e designa o médico Oswaldo Cruz para liderar as reformas sanitárias.

A construção da Avenida Central (atual Rio Branco), da Praça Floriano Peixoto (Cinelândia), do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, da Escola Nacional de Belas Artes (Museu Nacional de Belas Artes) substituiu as vielas empobrecidas e sujas do velho centro colonial. Seus moradores foram transferidos para o subúrbio ou “subiram os morros” dando origem a algumas das favelas atuais.

Além da remodelagem urbanística, conhecida popularmente como “bota abaixo”, foram implementadas diversas ações sanitárias, tais como a criação das brigadas mata-mosquitos, que eram grupos de funcionários do serviço sanitário e policiais que adentravam os domicílios, matando os insetos para combater o vetor da febre amarela, e a aprovação da campanha de combate à varíola, que obrigava as pessoas a serem vacinadas (usando a força se necessário). Essas medidas causaram repúdio na população que começou a fazer ataques à cidade, destruir bondes, prédios, trens, lojas, bases policiais, etc. Esse episódio da história brasileira ficou conhecido como a Revolta da Vacina.



Em 1904, cerca de 3.500 pessoas morreram de varíola. Dois anos depois, esse número caía para nove. Em 1908, uma nova epidemia eleva os óbitos para cerca de 6.550 casos, mas em 1910 é registrada uma única vítima. No primeiro semestre de 1904, foram feitas cerca de 110.000 visitas domiciliares, a população contaminada era internada em hospitais. As mortes que em 1902 chegavam a cerca de 1.000, baixaram para 48. Cinco anos depois, em 1909, não era registrada, na cidade do Rio de Janeiro, mais nenhuma vítima da febre amarela.

Enseada de Inhaúma (o colonial)

Circulando atualmente pela Avenida Brasil, ou pelas linhas Amarela e Vermelha é difícil imaginar como era trabalhoso - no início do século XX - chegar no atual campus da Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz (antiga Fazenda de Manguinhos). Ele ficava na Enseada de Inhaúma, no Estuário de Manguinhos na Baía de Guanabara. Junto a enseada havia nove ilhas (Cabras, Pindaí do Ferreira, Pindaí do França, Baiacu, Fundão, Catalão, Bom Jesus, Pinheiro e Sapucaia), charques e diversos “manguinhos” que a partir de 1950, foram aterrados e saneados para a formação da Cidade Universitária.

Era possível chegar até a Fazenda de Manguinhos de barco, saindo da Praça XV pela Baía de Guanabara que estendia-se até a atual Avenida Brasil e atracar no cais de madeira que dava acesso à fazenda, ou por trem pela Estrada de Ferro Leopoldina descendo na estação do Amorim (atual estação de Manguinhos) e seguindo a pé ou de carroça para subir a colina onde ficava a sede do Instituto Soroterápico Federal, criado em 1900 para produção de vacina e soro contra a peste bubônica. O novo serviço instituído foi convenientemente situado longe do centro da cidade por causa do manuseio de substâncias biológicas consideradas perigosas e incompatíveis com a aglomeração urbana. Na década de 1940, o Instituto perdeu sua conexão com o mar por conta do aterro para a construção da Avenida Brasil.

A brilhante atuação de Oswaldo Cruz e sua equipe no Instituto Soroterápico Federal foi reconhecida internacionalmente pela premiação com a grande medalha de ouro do Congresso Internacional de Higiene e Demografia, em Berlim (1907) que culminou com a aprovação da criação em 1908, do "Instituto Oswaldo Cruz".

Segundo relatos de seus contemporâneos, foi em uma dessas viagens de trem para chegar em Manguinhos que Oswaldo Cruz conheceu o engenheiro-arquiteto Luiz Moraes Júnior, responsável



pela reforma da Igreja da Penha. A parceria entre eles transformou não só a ocupação urbana da enseada, mas a história da saúde brasileira por meio do legado arquitetônico, científico e cultural de Manguinhos.

Castelo de Oswaldo Cruz (o moderno)

Na colina do Instituto Oswaldo Cruz, no local mais alto da Fazenda de Manguinhos nasceu imponente o Pavilhão Mourisco, monumento da ciência a serviço da saúde (1905 – 1918). O edifício foi inspirado no Observatório Meteorológico "Montsouris" em Paris e na Nova Sinagoga de Berlim.

A relação criativa entre o médico e o arquiteto possibilitou a construção de uma cidadela da ciência e da saúde nos arredores de uma cidade assolada por mazelas sociais e pelas doenças.

O resultado final do Castelo de Oswaldo Cruz, desenhado e projetado por Luiz Moraes Júnior reflete as experiências das viagens do sanitarista a serviço da ciência e seus ideais. Foi decorado internamente com estuques de marfim claro, mosaicos coloridos nos pisos, portas trabalhadas em peroba-amarela, luminárias em ferro fundido ou em bronze dourado e arabescos inspirados no palácio de Alhambra na cidade de Granada.

Atualmente, o Pavilhão Mourisco abriga a Presidência da Fiocruz e seus órgãos, bem como a direção do Instituto Oswaldo Cruz, o Salão de Obras Raras da Biblioteca de Manguinhos, a Coleção Entomológica e a Sala de Oswaldo Cruz. O campus da Fiocruz é um oásis para a cidade do Rio de Janeiro, para a história cultural da ciência, da saúde e da doença no Brasil.

O idealizador do Castelo traduziu a modernidade e os ideais republicanos em um abrigo para o progresso da ciência e da promoção da saúde dos brasileiros. Somos todos Discípulos de Oswaldo na saúde, na arquitetura, na ciência e no samba!

Marcel Pedroso

Historiador e pesquisador em saúde pública do Laboratório de Informação em Saúde (Lis/Icict).

Este enredo foi inspirado e baseado no livro *“Vida, engenho e arte: o acervo histórico da Fundação Oswaldo Cruz”*, organizado por Fábio Iglesias, Ruth Martins e Paulo Elian. A obra foi lançada em 2014 pela Casa de Oswaldo Cruz (COC), centro de história, memória e divulgação científica que integra a Fiocruz. É uma excelente leitura para quem quer conhecer a história da instituição, da ciência e saúde no Brasil. Traz, além de imagens históricas (muitas inéditas), registros atuais feitos pelo premiado fotógrafo Bruno Veiga.

Para saber mais acesse o link: [“Vida, engenho e arte: o acervo histórico da Fundação Oswaldo Cruz”](#).



Apêndice fotográfico

Cortiço no centro do Rio de Janeiro no início do século XX.



Vista da Avenida Central e Teatro Municipal em 1909.



Enseada de Inhaúma e aterro da Ilha do Fundão.



Oswaldo Cruz (2ª da esquerda para a direita) e pesquisadores subindo a colina para visitar a construção do Pavilhão Mourisco.



Fazenda de Manguinhos.



Cais na baía de Guanabara, em 1904.





Castelo do Instituto Oswaldo Cruz visto da Baía de Guanabara, antes do aterro.



Conjunto arquitetônico de Manguinhos com o Pavilhão Mourisco a direita.



Quinino, Pavilhão Mourisco e, em primeiro plano, torre do Pavilhão da Peste em 1919.



Detalhe da varanda Pavilhão Mourisco.



Castelo da Fiocruz atualmente.



Campus da Fiocruz atualmente.

